

Papa tem desafio de atrair pobres no país a teologia mais rígida

(Não Assinado)

09/05/2007 - 13h36

Reuters

Aproximar a realidade dos pobres à teologia mais rígida que prega é um dos principais desafios do papa Bento 16 na visita que faz ao Brasil a partir desta quarta-feira.

"O papa está em Roma. E a cabeça pensa a partir de onde você põe os seus pés. É um ângulo muito diferente quando você está andando no Jardim Ângela", disse à Reuters o padre irlandês Jaime Crowe, que trabalha há 20 anos em um dos bairros mais pobres e violentos de São Paulo.

O Brasil dará a Bento 16 um encontro com fiéis pobres em sua maioria, que reclamam da falta de atuação do Estado e estão distantes do Vaticano em questões morais, como divórcio, aborto e controle de natalidade.

"Qual é a conexão dele com as pessoas daqui?", questionou Crowe, acrescentando que muitos católicos da região já abortaram, usaram drogas, fazem sexo antes do casamento e convivem em famílias com apenas um dos pais. Para o irlandês, excluí-los por causa disso seria um "grande erro".

É nessa base que a Igreja Católica perde mais seguidores, apontam pesquisas recentes, apesar de muitos fiéis de classes alta e média também desobedecerem orientações da Cúria Romana liderada por Joseph Ratzinger. Esses, no entanto, não tendem a aderir a denominações evangélicas pentecostais.

Os mais necessitados --com quem o catolicismo diz ter o seu compromisso maior-- estão se convertendo ao pentecostalismo ou abandonando qualquer crença porque na periferia, dizem os especialistas, a Igreja Católica não tem dado respostas satisfatórias às carências dos mais pobres.

Segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), os católicos eram 62,93 por cento dos fiéis nas periferias há quatro anos ante os 65,19 por cento vistos em 2000. A média nacional é de 73,89 por cento.

Já na classe média, que ganha entre 10 e 15 salários mínimos mensais, quase 74 por cento são católicos e 11,01 por cento se declaram evangélicos pentecostais, segundo a pesquisa. Na periferia, os pentecostais subiram para 15,08 por cento em 2003.

DIVIDIDOS

Em meio ao crescimento dos evangélicos pentecostais e dos sem religião nas áreas mais pobres, as respostas do catolicismo no Brasil têm sido dadas especialmente por duas correntes: a Teologia da Libertação --que vê necessidade de transformação social por meio do catolicismo-- e a Renovação Carismática, cujo formato alegre e conservador é comparado ao pentecostal.

Bento 16 já fez críticas a ambas por considerá-las divergentes de uma Igreja mais próxima das suas origens. O primeiro, por usar métodos marxistas de análise histórica, o que o papa diz contradizer a transcendência inerente à religião. O segundo, por ser de fé menos introspectiva.

O arcebispo de São Paulo, dom Odilo Scherer, disse ao ser anunciado como sucessor de dom Cláudio Hummes na terceira maior diocese do mundo que o problema não é teológico nem moral, mas sim de estrutura insuficiente nas cidades para novas igrejas.

"Compreendo a dificuldade que muitas vezes existe em se compreender a posição, a figura do papa, em um mundo controvérsico, de diversidade de pensamento", disse.

"Porém o papa interpreta... aquilo que é a posição da Igreja Católica. E não poderia deixar de fazê-lo, mesmo quando não é compreendido por todos", disse dom Odilo, então secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

A busca por respostas mais acessíveis, no entanto, continua afastando católicos da religião, apesar da visita de Bento 16 nesta semana não incomodar nem emocionar alguns ex-fiéis.

Há dois meses acampada com outras 12 mil pessoas em tendas de lona, a desempregada Jesuína Silva, 45, tornou-se

evangélica neste ano, porque não encontrou no catolicismo uma saída para suas dificuldades. Sozinha e com três filhos, Jesuína diz que os pobres como ela não deveriam se importar muito com papa.

"Existe só um Deus e nós temos de respeitar os católicos. Mas ninguém tem que adorar esse papa como se ele estivesse acima de Deus. É bom ele trazer uma mensagem de paz, mas também devia olhar para os pobres. Só falar não ajuda", afirmou.

O desempregado Cláudio Rosa, 19 anos, diz que não consegue ter religião. Mora no bairro de Parelheiros, extremo sul de São Paulo, e chega a dizer que Bento 16 é contra pessoas como ele.

"Tenho Deus no coração, mas não estou nem aí para esse papa. Eu gosto dos santos, gosto de ouvir as coisas bonitas, mas não vou ficar seguindo o que eles dizem, de não transar sem casar e de não abortar se não tiver como criar filho", disse.

"A vida na periferia é diferente", declarou.

/td>